



Inteligência Artificial na Educação de Jovens e Adultos: Desafios, Possibilidades e Caminhos para uma Prática Pedagógica Humanizada

Artificial Intelligence in Youth and Adult Education: Challenges, Possibilities, and Pathways toward a Humanized Pedagogical Practice

Ana Carolina Ferreira Jaime Baptistella

Resumo: Este estudo discute os desafios e as possibilidades relacionados ao uso da Inteligência Artificial (IA), especialmente da Inteligência Artificial Generativa, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Parte-se do reconhecimento de que a EJA atende sujeitos com trajetórias escolares interrompidas, experiências profissionais e culturais diversas e necessidades formativas que não podem ser reduzidas à simples recuperação de conteúdos. Nesse cenário, a expansão das tecnologias de IA pode ampliar o acesso à informação, apoiar processos de leitura e escrita, favorecer a personalização de atividades e contribuir para práticas pedagógicas mais flexíveis. Entretanto, também produz riscos relacionados à exclusão digital, à desigualdade de acesso, à dependência tecnológica, à privacidade, à autoria, à desinformação e à substituição do esforço intelectual. O estudo adota abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica, fundamentada em documentos oficiais, orientações internacionais e produção acadêmica recente sobre EJA e IA. A análise indica que a principal dificuldade não está na existência da tecnologia, mas nas condições concretas para sua apropriação crítica: infraestrutura, formação docente, letramento digital e em IA, políticas públicas e propostas pedagógicas coerentes com a realidade dos estudantes. Defende-se, portanto, uma integração humanizada da IA, na qual a tecnologia seja mediadora e não protagonista do processo educativo. Conclui-se que a IA pode contribuir para a EJA quando articulada à autonomia, à autoria, ao diálogo, à experiência de vida dos estudantes e ao compromisso social da educação.

Palavras-chave: educação de jovens e adultos; inteligência artificial; inteligência artificial generativa; inclusão digital; formação docente; letramento digital.

Abstract: This study discusses challenges and possibilities related to the use of Artificial Intelligence (AI), especially Generative Artificial Intelligence, in Youth and Adult Education (EJA). It recognizes that EJA serves learners with interrupted schooling trajectories, diverse professional and cultural experiences, and educational needs that cannot be reduced to content recovery. In this context, AI technologies may expand access to information, support reading and writing, personalize learning activities, and contribute to more flexible pedagogical practices. At the same time, they introduce risks involving digital exclusion, unequal access, technological dependence, privacy, authorship, misinformation, and the replacement of intellectual effort. The study adopts a qualitative, exploratory, bibliographic approach based on official documents, international guidelines, and recent academic literature on EJA and AI. The analysis indicates that the central difficulty is not the existence of technology itself, but the concrete conditions for its critical appropriation: infrastructure, teacher education, digital and AI literacy, public policies, and pedagogical proposals aligned with students' realities. Therefore, a humanized integration of AI is advocated, in which technology functions as a mediator rather than the protagonist of education. The article concludes that AI can contribute

to EJA when articulated with autonomy, authorship, dialogue, learners' life experiences, and the social commitment of education.

Keywords: youth and adult education; artificial intelligence; generative artificial intelligence; digital inclusion; teacher education; digital literacy.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos ocupa um lugar singular no sistema educacional brasileiro. Trata-se de uma modalidade marcada pela diversidade de idades, histórias de vida, experiências profissionais, responsabilidades familiares e diferentes relações com a escola. Por isso, pensar a EJA exige compreender que o estudante não chega à sala de aula vazio de conhecimentos. Ao contrário, traz saberes construídos no trabalho, na família, na comunidade e em experiências sociais que precisam ser reconhecidos como parte do processo educativo.

Nos últimos anos, a expansão das tecnologias digitais acrescentou novos desafios a esse cenário. Entre essas tecnologias, a Inteligência Artificial ganhou visibilidade por meio de sistemas capazes de produzir textos, imagens, traduções, respostas e outros conteúdos a partir de comandos humanos. A presença dessas ferramentas modifica práticas de estudo e de trabalho e coloca a escola diante de perguntas que não podem ser respondidas apenas com proibição ou entusiasmo tecnológico.

Na EJA, a questão assume uma dimensão ainda mais complexa. Parte dos estudantes pode apresentar dificuldades de acesso a equipamentos, internet e ambientes adequados para estudo. Outros podem utilizar ferramentas de IA sem compreender seus limites, aceitando respostas automatizadas como se fossem necessariamente verdadeiras. Há também estudantes que podem ter pouco contato com tecnologias digitais e sentir insegurança diante de atividades mediadas por recursos que não dominam. Assim, a chegada da IA pode tanto ampliar oportunidades quanto aprofundar desigualdades já existentes.

As Diretrizes Operacionais da EJA destacam a aprendizagem ao longo da vida, a flexibilização da oferta e a articulação entre escolarização e realidade dos estudantes (Brasil, 2021). Essa perspectiva dialoga com o debate atual sobre tecnologias digitais, pois o acesso à cultura digital passou a integrar diversas dimensões da vida social. Contudo, a inclusão digital não significa simplesmente colocar um dispositivo nas mãos do estudante. É necessário criar condições para que ele compreenda, questione, produza e tome decisões utilizando as tecnologias de forma consciente.

A UNESCO (Miao; Holmes, 2023) defende uma abordagem centrada no ser humano para a IA generativa na educação, destacando questões de privacidade, equidade, segurança, validação pedagógica e desenvolvimento de capacidades humanas. Esse princípio é especialmente relevante na EJA, onde o objetivo não deve ser formar usuários passivos de ferramentas, mas sujeitos capazes de interpretar criticamente as informações e utilizar recursos tecnológicos de acordo

com suas necessidades.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar as principais dificuldades relacionadas à presença da Inteligência Artificial na EJA e discutir possibilidades para seu uso pedagógico crítico, inclusivo e humanizado. A discussão concentra-se em cinco dimensões: desigualdade de acesso, formação docente, letramento em IA, autoria e avaliação, e potencialidades pedagógicas.

Justifica-se o estudo pela necessidade de ampliar o debate sobre uma tecnologia que já interfere nas formas de estudar, escrever, pesquisar e trabalhar. Pesquisa recente realizada com estudantes da EJA identificou percepção majoritariamente positiva da IA, mas também apontou preocupações com exclusão digital e dependência tecnológica (Souza *et al.*, 2025). Esses resultados reforçam a necessidade de discutir simultaneamente possibilidades e limites, sem tratar a tecnologia como solução automática para problemas educacionais históricos.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ESPECIFICIDADES E DESAFIOS

A EJA possui uma identidade própria. Seu público é formado por sujeitos que, por diferentes motivos, não tiveram acesso ou continuidade de estudos na idade considerada regular. Trabalho, pobreza, responsabilidades familiares, deslocamentos, desigualdades territoriais, dificuldades de aprendizagem e experiências escolares anteriores podem interferir na permanência. Dessa maneira, o currículo precisa dialogar com a vida concreta do estudante.

A legislação educacional brasileira reconhece a EJA como modalidade da educação básica e estabelece princípios relacionados ao acesso, à permanência e à aprendizagem. As diretrizes operacionais instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 1/2021 reforçam a perspectiva de aprendizagem ao longo da vida e indicam a necessidade de flexibilizar a oferta de acordo com a realidade dos estudantes (Brasil, 2021).

Uma das dificuldades históricas da EJA é evitar que seus estudantes sejam tratados como pessoas que apenas precisam recuperar conteúdos escolares. A educação de jovens e adultos exige uma pedagogia que reconheça experiências anteriores e possibilite novas aprendizagens a partir delas. Essa concepção aproxima-se de Freire (1996), para quem ensinar envolve respeitar os saberes dos educandos, estimular sua curiosidade e construir conhecimento em diálogo.

Quando a IA entra nesse cenário, a pergunta central não deve ser apenas “como ensinar a usar a ferramenta?”, mas “para que utilizar a ferramenta e que tipo de aprendizagem se pretende construir?”. Uma atividade em que o estudante simplesmente copia uma resposta gerada por IA pode parecer eficiente, mas não necessariamente promove aprendizagem. Em contrapartida, comparar uma resposta produzida por IA com experiências pessoais, fontes confiáveis e conteúdos estudados pode transformar a ferramenta em objeto de análise e aprendizagem.

Outro desafio está relacionado à heterogeneidade das turmas. Em uma mesma sala podem coexistir estudantes com ampla experiência digital e outros que ainda enfrentam dificuldades básicas com teclado, aplicativos, navegação e busca de informações. A adoção indiscriminada de ferramentas de IA pode favorecer quem já possui maior capital tecnológico. Por isso, a inclusão precisa considerar diferentes ritmos e oferecer apoio progressivo.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO: UMA NOVA QUESTÃO PEDAGÓGICA

A Inteligência Artificial pode ser compreendida, de forma geral, como um conjunto de técnicas computacionais capazes de executar tarefas associadas a capacidades humanas, como reconhecimento de padrões, processamento de linguagem e geração de conteúdos. A IA generativa acrescenta a possibilidade de produzir novos textos, imagens, áudios, códigos e outros materiais a partir de instruções fornecidas pelo usuário.

Na educação, essas ferramentas podem apoiar planejamento, produção de materiais, revisão textual, tradução, criação de exemplos, elaboração de perguntas e atividades adaptadas. Entretanto, a possibilidade técnica de produzir conteúdo não garante qualidade pedagógica. Uma resposta pode ser fluente e, ainda assim, conter erros, simplificações ou informações inventadas. A fluência do texto não deve ser confundida com a verdade.

A UNESCO recomenda que o uso educacional da IA generativa seja orientado por critérios de segurança, equidade, inclusão, proteção de dados e centralidade humana (Miao; Holmes, 2023). A recomendação é importante porque a escola trabalha com sujeitos e direitos, e não apenas com eficiência operacional.

No Brasil, o debate ainda é acompanhado pela construção de políticas e práticas capazes de responder às mudanças tecnológicas. Na EJA, essa discussão deve considerar o risco de ampliar uma “dupla exclusão”: estudantes que já enfrentam desigualdades educacionais podem ficar também afastados das novas competências digitais necessárias para participar da sociedade contemporânea.

Pesquisas recentes mostram que professores da EJA percebem a IA não apenas como ferramenta pedagógica, mas como desafio sociotécnico, devido às barreiras estruturais para sua apropriação (Araújo; Ferreira, 2025). Isso significa que formação docente e infraestrutura precisam ser tratadas como condições essenciais, e não como elementos secundários.

PRINCIPAIS DIFICULDADES DO USO DA IA NA EJA

Desigualdade de Acesso e Exclusão Digital

A primeira dificuldade é material. Para utilizar ferramentas de IA, geralmente é necessário dispor de dispositivo compatível, conexão de internet e condições

mínimas de privacidade e tempo. Embora o uso de smartphones seja amplo, possuir um aparelho não significa ter acesso qualificado às tecnologias digitais. Planos de dados limitados, aparelhos antigos, ausência de computador e falta de ambientes apropriados podem restringir as possibilidades de aprendizagem.

Na EJA, esse problema pode ser intensificado porque muitos estudantes conciliam estudo com trabalho e responsabilidades familiares. Uma proposta que pressupõe disponibilidade permanente de internet pode produzir desigualdade entre aqueles que conseguem acompanhar as atividades e aqueles que não conseguem.

Assim, a escola precisa evitar que a IA seja adotada exclusivamente como atividade individual realizada no celular. Estratégias coletivas, uso de laboratórios, atividades impressas combinadas com recursos digitais e momentos de orientação podem reduzir barreiras.

Formação dos Professores

O professor ocupa papel central na mediação da IA. Não basta conhecer tecnicamente uma ferramenta; é necessário compreender suas possibilidades, limitações, implicações éticas e relações com os objetivos de aprendizagem. A formação docente deve contemplar, portanto, dimensões técnicas, pedagógicas e críticas.

Um professor que não se sente seguro pode optar por proibir a tecnologia. Outro pode utilizá-la de maneira indiscriminada, terceirizando à ferramenta tarefas que deveriam permanecer sob responsabilidade pedagógica. Entre esses extremos existe uma terceira possibilidade: aprender a utilizar a IA como recurso de mediação, preservando o protagonismo humano.

A formação continuada deve trabalhar situações concretas da EJA. Em vez de cursos exclusivamente instrumentais, podem ser desenvolvidas oficinas nas quais professores experimentem ferramentas, analisem respostas equivocadas, discutam vieses, construam atividades e reflitam sobre avaliação. Essa perspectiva aproxima a formação das necessidades reais da escola.

Dependência Tecnológica e Perda de Autonomia

Outro risco é a dependência. Quando a IA passa a escrever, resumir, responder e corrigir tudo, o estudante pode deixar de exercitar processos cognitivos fundamentais. Na EJA, essa preocupação é especialmente relevante em atividades de leitura e escrita, pois a superação de dificuldades exige prática, reflexão e acompanhamento.

O problema não está em utilizar IA para apoiar uma produção, mas em permitir que ela substitua a produção intelectual. Uma proposta pedagógica consistente pode estabelecer etapas: primeiro, o estudante produz; depois consulta a IA; em seguida, compara, corrige e justifica suas escolhas. Dessa forma, a tecnologia amplia a atividade em vez de eliminá-la.

Autoria, Avaliação e Integridade Acadêmica

A IA generativa desafia formas tradicionais de avaliação. Se o professor solicita um texto produzido fora da sala de aula, torna-se difícil saber quanto da produção corresponde ao estudante. Isso não significa abandonar a escrita, mas repensar as formas de avaliá-la.

Atividades processuais podem ser mais adequadas. O professor pode acompanhar planejamento, rascunho, revisão e versão final. Pode solicitar que o estudante explique oralmente suas escolhas, registre quais ferramentas utilizou e identifique partes modificadas. A avaliação passa, então, a valorizar o processo de construção do conhecimento.

Detetores automáticos de IA não devem ser tratados como prova absoluta de autoria. Além de apresentarem limitações técnicas, podem gerar falsos positivos. É mais educativo construir uma cultura de transparência, na qual o estudante aprenda quando e como declarar o uso de ferramentas digitais.

Privacidade, Segurança e Desinformação

Ferramentas de IA podem envolver tratamento de dados fornecidos pelos usuários. Na escola, isso exige cuidado especial com informações pessoais de estudantes, professores e famílias. Dados sensíveis não devem ser inseridos indiscriminadamente em plataformas externas.

Também é necessário ensinar que respostas de IA podem estar erradas. O estudante precisa desenvolver o hábito de verificar fontes, comparar informações e reconhecer sinais de incerteza. Essa competência é fundamental em uma sociedade na qual conteúdos sintéticos podem circular rapidamente.

A educação midiática e o letramento em IA, portanto, tornam-se dimensões importantes da formação cidadã. O objetivo não é ensinar apenas a produzir comandos, mas compreender como sistemas automatizados funcionam, quais são seus limites e como suas respostas devem ser avaliadas.

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS DA IA NA EJA

Apesar das dificuldades, seria inadequado tratar a IA somente como ameaça. Seu uso pedagógico planejado pode contribuir para ampliar oportunidades de aprendizagem. Uma possibilidade está na adaptação de textos. O professor pode solicitar versões de um mesmo conteúdo com diferentes níveis de complexidade e, depois, trabalhar com os estudantes a comparação entre as versões.

Na alfabetização e no desenvolvimento da escrita, a IA pode auxiliar na criação de situações comunicativas próximas da vida cotidiana: mensagens profissionais, pequenos anúncios, listas, relatos, cartas e textos relacionados ao trabalho. O importante é que o estudante seja autor da ideia e utilize a ferramenta como apoio para revisar, reorganizar ou explorar possibilidades.

Outra possibilidade é a produção de perguntas. Após estudar determinado tema, a turma pode solicitar que uma ferramenta gere questões e, coletivamente, identificar quais são pertinentes, quais apresentam erros e quais exigem maior aprofundamento. A atividade transforma a própria IA em objeto de investigação.

Também é possível utilizar a IA para apoiar projetos interdisciplinares. Um projeto sobre alimentação, por exemplo, pode envolver leitura de rótulos, matemática, saúde, orçamento familiar e produção textual. A tecnologia pode auxiliar na organização de informações, enquanto o professor conduz a análise crítica e conecta o conteúdo à realidade dos estudantes.

Estudos recentes sobre experiências com EJA apontam que a integração entre práticas culturais, memória, escrita e ferramentas digitais pode favorecer pertencimento e protagonismo quando há mediação docente intencional (Albuquerque; Nascimento; Sales, 2026). O resultado sugere que a tecnologia ganha sentido quando parte de situações significativas para os educandos.

O PAPEL DO PROFESSOR: MEDIAÇÃO, AUTORIA E HUMANIZAÇÃO

A presença da IA não diminui a importância do professor. Ao contrário, aumenta a necessidade de uma mediação qualificada. Quanto maior a capacidade da tecnologia de gerar respostas, maior a necessidade humana de formular boas perguntas, contextualizar, avaliar e decidir.

Na EJA, essa mediação precisa considerar afetividade, respeito e diálogo. Muitos estudantes retornam à escola carregando lembranças de fracasso ou de interrupção escolar. Uma prática excessivamente tecnológica, sem acolhimento, pode reforçar inseguranças. A ferramenta deve ser apresentada como recurso de aprendizagem, e não como teste da capacidade tecnológica do estudante.

Freire (1996) contribui para pensar essa questão ao defender uma educação fundada no diálogo e no respeito à autonomia. A IA não possui experiência de vida, consciência social ou responsabilidade ética. Ela pode produzir linguagem, mas não substitui a relação pedagógica construída entre sujeitos.

Humanizar o uso da IA significa colocar a experiência humana no centro. Significa perguntar quem se beneficia da tecnologia, quem pode ficar excluído, quais conhecimentos estão sendo valorizados e quais vozes podem estar ausentes. Na EJA, essas perguntas são inseparáveis da defesa do direito à educação.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza exploratória. O percurso metodológico foi construído a partir da análise de documentos normativos, orientações internacionais e produções acadêmicas que abordam a Educação de Jovens e Adultos, tecnologias digitais,

Inteligência Artificial e formação docente.

Foram considerados documentos oficiais relacionados à EJA, especialmente as Diretrizes Operacionais instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 1/2021, além de documentos da UNESCO sobre IA generativa na educação. Também foram analisados estudos acadêmicos recentes especificamente voltados à relação entre IA e EJA.

A análise foi organizada em categorias temáticas: inclusão e acesso digital; formação docente; autonomia e dependência tecnológica; autoria e avaliação; privacidade e desinformação; e possibilidades pedagógicas. A interpretação buscou aproximar os desafios tecnológicos das características sociais e pedagógicas da EJA, evitando uma abordagem exclusivamente técnica.

Por se tratar de estudo bibliográfico, não foram coletados dados diretamente com participantes. Assim, as proposições apresentadas devem ser compreendidas como síntese analítica da literatura e como contribuição para pesquisas futuras de campo.

DISCUSSÃO

Os estudos analisados convergem em um ponto: a IA pode ser útil na EJA, mas sua efetividade depende das condições de apropriação. A pesquisa de Souza *et al.* (2025), por exemplo, encontrou que 75% dos estudantes participantes percebiam a IA positivamente, ao mesmo tempo em que 51,5% apontavam desafios como exclusão digital e dependência tecnológica. Esses números mostram que entusiasmo e preocupação podem coexistir.

Essa ambivalência é importante. O estudante pode reconhecer que uma ferramenta ajuda a compreender determinado conteúdo e, simultaneamente, perceber que não possui internet suficiente ou teme depender dela. Uma política educacional responsável precisa acolher as duas dimensões.

A literatura recente também mostra que a IA já está sendo experimentada em práticas de EJA. Em uma experiência de pesquisa-ação, ferramentas digitais foram associadas à memória cultural e à produção de convites, possibilitando trabalhar autoria, revisão crítica e colaboração (Albuquerque; Nascimento; Sales, 2026). A relevância da experiência não está em demonstrar que a IA “resolve” a aprendizagem, mas em mostrar que seu valor emerge da intencionalidade pedagógica.

Outro aspecto é a formação docente. Araújo e Ferreira (2025) identificam a IA como desafio sociotécnico para professores da EJA, o que reforça que a dificuldade não pode ser individualizada. Se a escola não oferece infraestrutura, formação e tempo para planejamento, responsabilizar somente o professor pela inovação é injusto e pouco efetivo.

As políticas públicas precisam, portanto, tratar a IA como questão de direito educacional. A inclusão digital deve ser acompanhada de conectividade, equipamentos, acessibilidade, formação e produção de materiais. Sem essas

condições, a tecnologia pode reproduzir desigualdades.

No campo da avaliação, a IA exige mudança de foco. Em vez de concentrar a avaliação apenas no produto final, é possível valorizar processos, argumentação, oralidade, participação, produção coletiva, registros de aprendizagem e reflexão sobre o uso de ferramentas. Essa mudança pode fortalecer a aprendizagem, independentemente da presença da IA.

Por fim, é necessário reconhecer que o uso de IA na EJA não deve seguir um modelo único. Cada turma possui necessidades diferentes. Em algumas situações, a ferramenta pode ser útil; em outras, atividades sem tecnologia podem produzir melhores resultados. A escolha pedagógica deve partir do objetivo educacional, e não da novidade tecnológica.

PROPOSTA DE CAMINHO PARA UMA IA HUMANIZADA NA EJA

Com base na discussão apresentada, propõe-se um modelo de integração em cinco movimentos. O primeiro é diagnosticar. Antes de introduzir uma ferramenta, a escola precisa conhecer o acesso tecnológico dos estudantes, suas experiências e dificuldades.

O segundo movimento é formar. Professores e estudantes precisam aprender princípios básicos de funcionamento, limites, segurança, verificação de informações e ética. O terceiro é experimentar. Pequenas atividades permitem observar resultados sem transformar a IA em elemento obrigatório de todas as aulas.

O quarto movimento é refletir. Depois da atividade, estudantes e professores devem discutir o que a ferramenta fez bem, o que fez mal e o que somente o ser humano conseguiu acrescentar. O quinto é consolidar. As práticas que demonstrarem valor pedagógico podem ser incorporadas ao planejamento institucional.

Esse modelo evita dois extremos: a rejeição automática e a adoção acrítica. A tecnologia passa a ser avaliada pelos resultados educacionais que produz e pela capacidade de ampliar autonomia, inclusão e participação.

Uma proposta concreta para a EJA pode ser organizada como projeto de “Leitura crítica de respostas de IA”. Os estudantes escolhem um tema relacionado à comunidade, produzem perguntas, consultam uma ferramenta, identificam possíveis erros, pesquisam fontes externas, discutem as respostas e elaboram um texto próprio. A atividade trabalha leitura, escrita, pesquisa, argumentação e letramento digital simultaneamente.

Outra possibilidade é um diário de aprendizagem. O estudante registra o que sabia antes, como utilizou a ferramenta, o que descobriu, quais dúvidas permaneceram e como modificou sua produção. Esse registro fortalece a metacognição e permite ao professor acompanhar o processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Inteligência Artificial já faz parte do cotidiano social e, consequentemente, alcança os espaços educativos. Na Educação de Jovens e Adultos, sua presença apresenta oportunidades reais, mas também revela desigualdades que não podem ser ignoradas. A principal dificuldade não é aprender a apertar botões, e sim construir condições para que a tecnologia seja utilizada com autonomia, criticidade e finalidade pedagógica.

O estudo mostrou que os desafios envolvem acesso, formação docente, dependência tecnológica, autoria, avaliação, privacidade e desinformação. Nenhum desses problemas é resolvido apenas pela compra de equipamentos ou pela disponibilização de aplicativos. São necessárias políticas públicas, formação continuada e propostas pedagógicas que respeitem as características dos sujeitos da EJA.

A IA pode contribuir para ampliar oportunidades de aprendizagem quando ajuda o estudante a perguntar melhor, comparar informações, revisar produções, explorar diferentes linguagens e construir conhecimentos. Ela se torna problemática quando substitui o pensamento, apaga a autoria ou aprofunda desigualdades.

Por isso, a perspectiva mais adequada é humanizada. O professor continua sendo mediador; o estudante continua sendo sujeito; e a tecnologia ocupa o lugar de instrumento. A EJA não precisa escolher entre passado e futuro. Pode preservar a riqueza da experiência humana e, ao mesmo tempo, incorporar tecnologias de maneira crítica.

Como agenda para novas pesquisas, recomenda-se a realização de estudos de campo com diferentes segmentos da EJA, investigações sobre formação docente, análises sobre impactos da IA na permanência escolar e pesquisas que acompanhem experiências concretas de uso de IA em contextos socialmente vulneráveis. Também é importante aprofundar debates sobre proteção de dados, acessibilidade e políticas públicas.

Em síntese, utilizar IA na EJA não significa substituir pessoas por máquinas. Significa criar novas possibilidades para que pessoas historicamente afastadas do direito à escolarização tenham acesso crítico às ferramentas que estão transformando a sociedade. A tecnologia somente terá sentido educacional quando estiver a serviço da aprendizagem, da autonomia, da dignidade e da participação social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Aparecida Maria Costa de; NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do; SALES, Selma Bessa. Memória, escrita e inovação: a Educação de Jovens e Adultos em tempos de Inteligência Artificial. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 8, n. 2, 2026. DOI: 10.56579/rei.v8i2.2760.

ARAÚJO, Júlio; FERREIRA, Luís. **O que a EJA revela sobre a era algorítmica?** Revista de Estudos de Cultura, v. 11, n. 27, 2025. DOI: 10.32748/revec.v11i27.22641.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 1, de 25 de maio de 2021.** Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: MEC, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MIAO, Fengchun; HOLMES, Wayne. **Guidance for generative AI in education and research.** Paris: UNESCO, 2023.

SOUZA, Lenilda Batista de *et al.* Inteligência Artificial na EJA: o que os estudantes sabem e como isso transforma a educação. **Revista Educação em Debate**, v. 47, n. 94, 2025. DOI: 10.36517/eemd.v47i94.95624.

UNESCO. **Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa.** Paris: UNESCO, 2024.